

**UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA DA FALA FRANCA DE CREUSA NA TRAGÉDIA GREGA ÍON, DE
EURÍPEDES.**

**A FOUCAULTIAN ANALYSIS OF CREUSA'S FRANK SPEECH IN THE GREEK TRAGEDY ION, BY
EURIPIDES**

Clara Domingos Marques Alexandre¹

Tainá Lopes Rangel²

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise aprofundada da personagem Creusa na tragédia Íon, de Eurípides, a partir do conceito de parresia desenvolvido por Michel Foucault em O Governo de Si e dos Outros. Com base nas aulas do filósofo, examina-se a coragem ética e política da fala de Creusa, seu risco pessoal e a relação entre verdade, poder e democracia ateniense. A análise investiga se a parresia de Creusa pode ser considerada boa ou má, conforme os critérios foucaultianos, articulando suas veridicções — a impreciação contra Apolo e a confissão íntima de seu segredo — ao jogo agonístico do dizer-a-verdade. Considera-se, ainda, que sua fala, marcada pela vulnerabilidade feminina, constitui um gesto extremo de resistência política e coragem ética, ao desafiar simultaneamente o poder divino e a ordem da *pólis*. Conclui-se que Creusa exemplifica uma forma híbrida e radical de parresia, tensionando os limites entre a fala franca ética e a fala estratégica no contexto trágico.

PALAVRAS-CHAVE: parresia; Foucault; Eurípides; verdade; poder.

ABSTRACT: This article proposes an in-depth analysis of the character Creusa in the tragedy Ion, by Euripides, based on the concept of parrhesia developed by Michel Foucault in The Government of Self and Others. Based on the philosopher's classes, the ethical and political courage of Creusa's speech, her personal risk and the relationship between truth, power and Athenian democracy are examined. The analysis investigates whether Creusa's parrhesia can be considered good or bad, according to Foucauldian criteria, articulating her truths — the imprecation against Apollo and the intimate confession of her secret — to the agonistic game of truth-telling. It is also considered that her speech, marked by feminine vulnerability, constitutes an extreme gesture of political resistance and ethical courage, by simultaneously challenging divine power and the order of the polis. It is concluded that Creusa exemplifies a hybrid and radical form of parrhesia, tensioning the limits between frank ethical speech and strategic speech in the tragic context.

KEYWORDS: parrhesia; Foucault; Euripides; true; power.

¹ Mestranda em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5122315658684363> . E-mail: alexandre.clara@posgraduacao.uerj.br

² Mestranda em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1490859716369446> . E-mail: rangel.taina@posgraduacaouerj.br

1. INTRODUÇÃO

A tragédia *Íon*, escrita por Eurípides no século V a.C., situa-se no contexto político e cultural da Atenas clássica, em meio a transformações democráticas e crises institucionais. A peça narra a história de Íon, filho ilegítimo de Apolo e Creusa, que é abandonado ao nascer e cresce sem conhecer sua verdadeira origem. Ao longo do drama, o silêncio dos deuses, os enigmas do oráculo e a coragem humana de dizer a verdade se entrelaçam, culminando na revelação da identidade de Íon e na redefinição da ordem cívica ateniense.

Michel Foucault, em “O Governo de Si e dos Outros”, dedica algumas aulas (19 e 26 de Janeiro e 02 de Fevereiro, de 1983, mais precisamente) à análise detalhada desta tragédia. Nelas, articula o conceito de *parresía* — a fala franca, o dizer-a-verdade — à práticas éticas, políticas e existenciais. A noção de *parresía*, ou fala franca, ocupa papel central nas análises do autor sobre ética e política na Antiguidade.

É válido salientar que Foucault trata da *parresía* nos escritos de Eurípides, em especial na obra *Íon*, no campo político e no âmbito das instituições democráticas, atestando o filósofo que o termo *parresía* é encontrado pela primeira vez nas obras do referido autor trágico grego, e que significa o direito de falar, de tomar publicamente a palavra, de expressar sua opinião perante a *pólis*, sendo portanto, um direito que só possui um cidadão de nascimento.

Foucault, tanto em sua obra “O Governo de si e dos outros”, objeto de estudo deste artigo, como também em “A Coragem da Verdade”, trata de uma transformação da história da *parresía*. Explicando melhor: a passagem, o deslocamento de sentido, de um direito em relação à cidadania para um outro tipo de *parresía*, definida não em razão da *pólis*, mas sim, à maneira de ser, de se portar, dos indivíduos, e é aqui que entra em baila o discurso de Creusa.

Ao diferenciar a palavra oracular divina, enigmática e sem risco, da palavra humana, corajosa e vulnerável, Foucault mostra como o discurso de Creusa encarna o gesto

parresiástico por excelência: falar a verdade diante do poder, arriscando-se pessoalmente. Nesse diapasão: “dado que o deus do oráculo tem vergonha, o oráculo não falará, o oráculo se calará”, afirma o filósofo (Foucault, 2010, p. 142).

Creusa, filha de Erecteu e rainha de Atenas, surge na tragédia Íon como uma personagem marcada pelo silêncio e pelo trauma: ela fora violentada por Apolo e abandonara o filho fruto dessa violência. Quando retorna ao templo de Delfos e encontra Íon, sem saber que é seu filho, ela rompe o silêncio. Sua fala ao coro e aos deuses é carregada de verdade dolorosa e de acusação: denuncia a injustiça divina e reivindica reconhecimento. Segundo Foucault, este é um momento exemplar de parresía, pois envolve risco — desafiar Apolo —, verdade — revelar um segredo vergonhoso — e crítica — questionar a ordem estabelecida.

No entanto, a fala de Creusa não é unívoca. Em alguns momentos, ela também trama a morte de Íon, acreditando que ele seja um usurpador ligado a Apolo, o que introduz uma dimensão estratégica e ambígua em sua parresía. Para Foucault, esta ambivalência mostra como, no contexto trágico e na crise da democracia ateniense, a parresía pode oscilar entre a coragem ética e a manipulação política.

Creusa encarna, assim, uma forma híbrida de parresía: por um lado, fala franca que denuncia o poder; por outro, uso instrumental da franqueza para fins de vingança e preservação de status. Ao mesmo tempo, sustenta-se que sua fala, marcada pela condição de mulher violentada e silenciada, intensifica o risco do dizer verdadeiro.

Este artigo propõe examinar a fala de Creusa à luz dos critérios foucaultianos de boa e má parresía. Busca-se compreender como suas veridicções — a impreciação contra Apolo e a confissão íntima de seu segredo — articulam verdade, risco e coragem, e como se inserem no jogo agonístico do dizer-a-verdade que atravessa a tragédia e a democracia ateniense.

2. A PARRESÍA EM ÍON, SEGUNDO FOUCAULT

Foucault define a parresía como prática de verdade na qual o sujeito assume riscos ao falar. Não basta dizer o verdadeiro: é preciso coragem para expor-se às consequências políticas, sociais e existenciais da fala franca. É um: “discurso da impotente vítima da injustiça que se volta para o poderoso e fala” (Foucault, 2010, p. 127). A franqueza, portanto, não é neutra: implica perigo real para quem a exerce.

Foucault enfatiza que é preciso certa coragem ética para a fala franca. A parresía implica, portanto, uma dimensão ética fundamental, na qual o sujeito se compromete com a verdade mesmo diante de possíveis punições. Trata-se do discurso daquele que, mesmo em posição de vulnerabilidade, dirige-se ao poder para denunciá-lo.

Foucault descreve a parresía através de quatro vértices: a condição política (a possibilidade de falar em público), a condição de verdade (o compromisso com o verdadeiro), a condição ética (a coragem moral) e a condição de risco (o perigo para aquele que fala). Esses elementos estruturam o “retângulo da parresía”, modelo que permite avaliar o valor ético e político do discurso franco (Foucault, 2010, p. 159 e 160).

Nesse raciocínio, o autor distingue ainda as formas de parresía: a parresía política-estatutária (relacionada ao direito de falar na cidade e às condições institucionais da palavra), a parresía judiciária (quando o dizer-verdade articula-se a processos e julgamentos) e a parresía moral (confissão, imprecação do fraco contra o forte, atos de remissão). Essas variações são úteis para situar atos de falar a verdade em contextos variados — do conselho do príncipe à assembleia democrática, da acusação pública à confissão íntima.

Outro aspecto fundamental é a distinção entre boa e má parresía. O filósofo aprofunda a análise, distinguindo entre a 'boa' parresía, ligada à coragem ética do cidadão que diz a verdade para o bem da cidade, e a 'má' parresía, associada à demagogia, à adulação ou ao uso estratégico da franqueza para fins próprios.

A boa parresía visa a justiça e o bem comum, mesmo contra os interesses do falante; a má parresía degenera em insolência, demagogia ou fala motivada por paixões privadas. Para tanto, também ocorre a má parresía quando os oradores (os que exercem a fala franca) são ameaçados, “com expulsão, exílio, ostracismo e até a morte” (Foucault, 2010, p. 167). Esse critério será essencial para avaliar a fala de Creusa, que oscila entre denúncia ética e desejo de vingança³.

No entanto, essa distinção entre boa e má parresía não é estática. Em contextos trágicos e em situações de crise democrática, a parresía pode oscilar entre coragem ética e instrumentalização estratégica. Esse ponto será fundamental para compreender a fala de Creusa.

É válido salientar que a importância para a leitura de Íon é o laço que Foucault traça entre parresía e instituições democráticas: a parresía tem raízes na isegoria e na isonomia — condições de igualdade de palavra e de lei que possibilitam o exercício público do dizer-verdade. Não há boa parresía quando não há bom ajuste entre democracia e dizer-a-verdade.

Em Atenas, quem nasce ateniense herda um direito político que inclui a possibilidade de falar com plena franqueza na assembleia; a questão da origem, da cidadania, aparece então como determinante para o acesso à parresía política. A parresía, portanto, não é apenas uma virtude individual; ela é uma prática enraizada em uma constituição política.

Ele continua na interpretação da tragédia Íon como um campo privilegiado para pensar a parresía no registro trágico. Creusa, rainha de Atenas e vítima de Apolo, rompe seu silêncio para acusar o deus de injustiça e revelar ao coro e a Íon o segredo de sua maternidade. Essa fala se dá em um contexto de risco extremo — ela desafia o oráculo e a ordem divina — e

³ A palavra vingança deve ser problematizada neste contexto: não deve ser encarada como um mero ato lesivo como forma de represália, de punição. A “vingança” de Creusa simboliza um ato de denúncia, desagravo, contra um poder divino dominante e masculino, fazendo valer seu desejo de reconhecimento e justiça social, em detrimento da sua vulnerabilidade como voz feminina que resiste à opressão.

mistura elementos de denúncia, vingança e reivindicação de justiça. Assim, a análise foucaultiana permite problematizar a pureza ou ambiguidade da parresía de Creusa.

Por fim, a análise foucaultiana enfatiza que a parresía pertence ao mundo humano, não ao divino. A peça inscreve uma tensão entre o dizer humano e o dizer divino: Apolo exerce a sua fala sob a forma do oráculo, enigmática e frequentemente evasiva; ele cala-se onde a resposta clara seria necessária.

É justamente essa reticência que cria o espaço dramático para a parresía humana: porque o deus não se arrisca, porque o oráculo fala em enigmas, cabe à fala humana reparar, acusar, confessar. A denúncia de Creusa surge, portanto, em cena de templo justamente para preencher uma lacuna do oráculo. Porém, essa acusação humana não tem garantia de que será ouvida ou de que produzirá justiça.

O oráculo fala por enigmas, sem risco; a franqueza, ao contrário, implica coragem mortal. O oráculo é reticente, enigmático, não se expõe ao risco moral humano; ao contrário, oculta-se, fala por sinais, e a sua prerrogativa não comporta a mesma coragem mortal que caracteriza a parresía humana.

Foucault sublinha que, no texto de Eurípides, nenhuma das veridicções divinas é chamada parresía; a parresía é um direito e risco de vida reservado ao mundo dos humanos: “por um lado, nenhum dos deuses é titular da parresía” (Foucault, 2010, p. 143). Essa distinção será decisiva para entender o discurso de Creusa diante do silêncio de Apolo.

3. ÍON E AS VERIDICÇÕES

Foucault ainda estuda a estrutura da tragédia Íon a partir das veridicções — diferentes modos de dizer a verdade presentes na peça. Ele identifica quatro veridicções centrais: “duas de Creusa (a impreciação contra Apolo e a confissão de seu segredo), a veridicção enigmática do oráculo e a veridicção final de Atena, que sanciona politicamente a verdade revelada” (Foucault, 2010, p. 142).

Para melhor análise, seguirá transcrita a veridicção confissão de Creusa na peça, isto é, a confissão de seu segredo sórdido ao Ancião, servo de seu pai, o rei Erecteu. Pode-se observar o constrangimento da heroína em confessar o seu segredo vergonhoso perante o seu servo e personagem emblemático da peça, e o único em que pode confiar, e, ao mesmo tempo, o grau de intimidade da fala de Creusa, denotando-se um discurso mais intimista, que o difere do conceito usual de parresía:

CREUSA: Tenho pudor de ti, ó ancião, mas direi. ANCIÃO: Sei que nobre prantear com os amigos. CREUSA: Ouve! Conheces a gruta para o norte nas pedras Cecrópidas ditas Compridas? ANCIÃO: Sei onde o ádito de Pan e altares perto. CREUSA: Aí competimos terrível competição. ANCIÃO: Qual? Vem-me pranto por tuas falas. CREUSA: Com Febo tive tristes núpcias, coata. ANCIÃO: Ó filha, seria então o que eu percebi? CREUSA: Não sei; se dizes a verdade, eu diria. ANCIÃO: Ao pranteares secreta dor às ocultas...CREUSA: Eram os males que ora te digo claro. ANCIÃO: Como ocultaste núpcias com Apolo? CREUSA: Pari! Suporta ouvi-lo de mim, ancião! ANCIÃO: Onde? Quem partejou? Pariste a sós? CREUSA: A sós, na gruta, onde tive as núpcias. ANCIÃO: Onde o filho, para não seres sem filho? CREUSA: Está morto, ó ancião, exposto a feras. ANCIÃO: Está morto? Apolo covarde não valeu? CREUSA: Não valeu, e na casa de Hades se cria. (Eurípides, 2016, p. 49 e 50).

Já na veridicção imprecção, a personagem em tom de delação revela a agressão sofrida por Febo, que nada mais é do que o deus Apolo, já na parte central da peça, onde há uma frustração e embate com o próprio Íon, seu filho, fruto da violência do deus injusto. Neste discurso da personagem, observa-se um tom agonístico, de conflito, com uso da coragem e a fala franca completamente aberta, transformando o sofrimento privado em um dizer-verdadeiro público, cabendo nesse contexto o conceito mais pleno de parresía: discurso público, acusatório e arriscado, contra um deus.

A imprecção de Creusa denuncia a violência de Apolo: é o grito do fraco contra o poderoso, gesto inaugural da parresía humana na peça. “É a imprecção do fraco que tem a seu favor a justiça e recrimina o poderoso por sua injustiça”. (Foucault, 2010, p. 142). Já a confissão revela progressivamente o segredo de Creusa, primeiro ao Ancião (também chamado pedagogo), depois ao público, articulando dimensão íntima e política.

Foucault observa que os deuses, ao contrário dos humanos, não se arriscam: “no lugar do oráculo mudo do deus, é de novo o trabalho dos homens, a voz dos homens, a mão dos homens que se tem de convocar para que a verdade venha à luz” (Foucault, 2010, p. 134). O silêncio divino abre espaço para a palavra humana, que assume o risco e a responsabilidade da verdade.

Nesse cenário, a fala de Creusa adquire centralidade. Ao acusar Apolo e revelar a verdade, ela ocupa o espaço deixado pelo silêncio do deus. Sua palavra não é garantida, não é protegida, e justamente por isso é arriscada e ética.

Outro ponto destacado é a relação entre parresía e cidadania. A revelação da origem de Íon redefine sua posição política em Atenas, articulando verdade, identidade e pertencimento cívico. A fala de Creusa, portanto, não é apenas íntima: tem consequências para a pólis e para a ordem democrática ateniense. A parresía, portanto, não é apenas uma prática individual, mas uma força que atravessa a constituição política da cidade.

Por conseguinte, Foucault mostra que a veridicção final de Atena transforma a coragem individual de Creusa em verdade politicamente reconhecida. A mediação da deusa revela a distância entre falar a verdade e instituí-la como princípio de justiça e governo.

4. A FALA HÍBRIDA DE CREUSA, A CRISE DA DEMOCRACIA, O JOGO AGONÍSTICO E A CORAGEM ÉTICA

Creusa, abandonada por Apolo após a violência, carrega uma memória que é ao mesmo tempo vergonha e injustiça. Quando volta a Delfos, sua fala assume duas modalidades: o grito público contra Apolo — uma impreciação que denuncia a culpa do deus — e a confissão íntima que, aos poucos, desenha a verdade do nascimento de Íon. Do ponto de vista foucaultiano, essas falas reúnem os elementos da parresía: anunciam uma verdade, são dirigidas a um público (templo, coro, pedagogo) e implicam risco.

Contudo há especificidades: enquanto o parresiasta clássico fala com a intenção de corrigir a *pólis*, Creusa, ao menos inicialmente, fala movida por dor, vergonha e uma necessidade de restituir sentido ao seu passado, não exclusivamente por um desígnio de bem público.

A fala de Creusa oscila entre denúncia ética e desejo de justiça social. Ao acusar Apolo, ela enfrenta o poder divino e o risco de morte; ao mesmo tempo, em alguns momentos, trama a morte de Íon, acreditando que ele seja aliado do deus que a violentou. Essa ambivalência dificulta classificá-la como boa ou má parresía.

O discurso da personagem em voga mistura ambas as dimensões: coragem cívica e cólera pessoal. Essa oscilação expressa a própria tensão trágica entre ética, política e subjetividade. A coragem de Creusa, contudo, permanece central. Ao romper o silêncio, ela expõe a violência de Apolo, revela a identidade de Íon e redefine a ordem cívica ateniense. Sua fala inaugura o espaço humano da verdade, distinto do enigma divino e da razão de Estado.

Para se compreender melhor a ambiguidade da fala franca da personagem, devemos rememorar a introdução desta breve análise, no que se pese a passagem de sentido do termo parresía, do campo político, relativo à cidadania, um direito da *pólis*, um direito de nascimento, para o modo de ser, de vida das pessoas, ou seja, antes uma obrigação relativa aos interesses da cidade, agora num sentido ligado ao sujeito moral, que Foucault chama de *éthos*. É nessa mudança de sentido que a parresía de Creusa se insere, onde se “é possível constituir, pelo menos em seus traços fundamentais, a filosofia ocidental como forma de prática do discurso verdadeiro”. (Foucault, 2024, p. 32).

Nessa conjuntura, a tragédia reflete a crise da democracia ateniense no final do século V a.C., marcada por tensões entre liberdade política, cidadania e verdade. A parresía, ligada à isegoria (igualdade da palavra), revela seus limites quando estrangeiros, escravos ou filhos ilegítimos — como Íon — são excluídos da palavra pública.

A peça portanto evidencia que nem todos têm acesso à palavra pública. A fala de Creusa se coloca nesse contexto, de coragem moral e ética, revelando as tensões entre verdade, cidadania e pertencimento. Apesar da personagem ser a rainha e cidadã ateniense, fica clara a sua luta por reconhecimento de fala em relação às dinâmicas de poder (divino e masculino) dominantes na *pólis* de sua época, revelando-se seu discurso um ato de resistência tanto política como ética.

O dizer-verdadeiro da mãe de Íon nasce da experiência de violência e silenciamento, o que a insere em um campo de tensão entre vulnerabilidade e poder. Essa condição intensifica o caráter de sua parresía. Ao denunciar Apolo, Creusa não apenas diz a verdade — ela desafia uma estrutura de poder que combina autoridade divina e dominação masculina. Sua fala, portanto, não é apenas ética ou política: é também um gesto de resistência.

Nesse sentido, sua condição feminina não é um elemento secundário, mas constitutivo de sua parresía. Como mulher violentada e silenciada, Creusa ocupa uma posição marginal em relação ao discurso legítimo. Ao falar, ela rompe essa exclusão, assumindo um risco ainda maior do que o tradicional parresiasta.

Sua fala torna-se, assim, um gesto extremo: ela fala como vítima, como mulher e como cidadã, expondo-se à exclusão, à deslegitimação e à morte. Essa dimensão eleva sua parresía a um nível radical, no qual coragem ética e resistência política se entrelaçam.

O jogo agonístico do dizer-a-verdade, descrito por Foucault, articula coragem, risco e conflito. A fala de Creusa, ao acusar Apolo e revelar a verdade sobre Íon, insere-se nesse jogo trágico, no qual a palavra pode salvar ou destruir vidas, legitimar ou subverter ordens políticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das aulas de 19 e 26 de Janeiro, e 02 de Fevereiro de 1983 do curso “O Governo de Si e dos Outros”, de Michel Foucault, em diálogo com a tragédia Íon de Eurípides,

mostra que a parresía não é um conceito unívoco, mas uma prática situada, atravessada por riscos, tensões e ambiguidades.

Apesar do foco da peça ser a parresía política em Íon, as duas veridicções humanas de Creusa são também consideradas exercício da fala franca, ou como o autor conceitua: “uma das práticas do dizer-a-verdade — parresía judiciária e a parresía moral” (Foucault, 2010 p. 143 e 144).

A fala de Creusa exemplifica tanto a coragem ética de dizer a verdade ao poder quanto a possibilidade de degradação estratégica dessa franqueza. Essa leitura permite compreender não apenas um episódio da tragédia grega, mas também o modo como Foucault utiliza a parresía para pensar a relação entre verdade, poder e subjetividade.

A análise foucaultiana da fala de Creusa em Íon evidencia a complexidade da parresía como prática ética e política. Sua coragem inaugura o espaço humano da verdade, distinto do silêncio divino e do cálculo estratégico, mas atravessado por ambivalências entre justiça e vingança, bem comum e paixões privadas.

No entanto, ao considerar o risco extremo que a fala assume, sua condição de vulnerabilidade e o enfrentamento direto do poder divino, torna-se possível compreender sua parresía não apenas como híbrida, mas como radical. Seu discurso constitui um gesto limite, no qual o dizer-a-verdade se confunde com a própria possibilidade de sobrevivência.

Assim, sua parresía não pode ser reduzida a boa ou má. Ela tensiona essa própria distinção, revelando que, em contextos de violência, silenciamento e desigualdade, o dizer-a-verdade pode assumir formas extremas.

A fala franca de Creusa não apenas se enquadra nos critérios foucaultianos do dizer verdadeiro, como os tensiona ao limite, sendo intensificada por sua condição de mulher silenciada, o que transforma seu discurso em um gesto extremo de coragem ética e resistência política, e tornam ambos inseparáveis.

A tragédia mostra que dizer a verdade é sempre arriscado e que a liberdade política exige coragem ética. Creusa encarna essa tensão, tornando-se figura exemplar do gesto parresiástico que, ao falar a verdade, transforma a si mesma, a cidade e a ordem do mundo. A peça ensina, enfim, que a coragem da verdade não pertence aos deuses nem aos oráculos silenciosos, mas aos humanos que ousam falar — mesmo quando o preço pode ser a própria vida.

REFERÊNCIAS

EURÍPIDES. Teatro completo vol. 2. São Paulo: Iluminuras, 2016. 78p.
FOUCAULT, Michel. O governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 384p.
FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2024. 360p.